



## GT 034. Estudos etnográficos no mundo dos psicoativos

Edward John Baptista das Neves MacRae (Universidade Federal da Bahia) - Coordenador/a,  
Regina de Paula Medeiros (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais) - Coordenador/a

Nos últimos anos, o campo do estudo do uso de substâncias psicoativas, até recentemente apanágio quase exclusivo dos estudos em saúde ou direito, vem também se desenvolvendo de forma muito rápida na antropologia. A nova, mas não inédita, atenção dada aos seus aspectos culturais traz uma série de implicações teóricas, metodológicas, políticas e éticas. Destacam-se aí conflitos entre abordagens teóricas baseadas no interacionismo simbólico e as norteadas pela teoria ator-rede e as questões metodológicas relacionadas a uma maior ou menor participação nas práticas pesquisadas e na militância de diferentes movimentos sociais. Surgem diversas indagações. Pode/ deve o pesquisador usar substâncias psicoativas em campo junto com seus interlocutores? Qual o lugar da autoetnografia? Tampouco podem ser deixadas de fora questões éticas relacionadas ao estudo de populações com práticas ilícitas ou socialmente estigmatizadas. Que proteção se oferece aos sujeitos da pesquisa? E aos pesquisadores? Pensando nestas, propõe-se um grupo de trabalho para refletir sobre instrumentos metodológicos-éticos que possibilitam a compreensão dos contextos sociais onde pesquisadores investigam distintas práticas de uso de psicoativos, sejam eles lícitos, espirituais ou terapêuticos possam trazer à discussão os vários dilemas encontrados em seus estudos.

### **Pode um estudo etnográfico se realizar sem ética na pesquisa?**

**Autoria:** Jaína Linhares Alcântara

Há uma série de estudos realizados por cientistas sociais que levam em conta a noção de pesquisas com seres humanos (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2004) na produção acadêmica implicada com uma ética em pesquisas sociais. Nestas pesquisas estão presentes um tipo de interação ao longo da pesquisa e posteriormente a sua realização resultando em dados publicados que implicam em levar em conta riscos e danos sob os quais tanto pesquisadores como interlocutores de pesquisa estão imersos naquele momento como estarão num futuro próximo. Muitas destas se realizaram a partir do interesse de pesquisa em populações estigmatizadas e operacionalizaram-se através uma lógica de trocas em campo mediada por discursos e forças que perpassaram desde anteparos de poder eminentes, evitar a truculência forças policiais, por ex., até retornos materiais. Para interlocutores, a interação na pesquisa vai desde o tempo investido na companhia de alguém com quem pode falar sobre algo que poucas pessoas se dispõem a conversar, passando pelo interesse em uma interação prazerosa onde ser ouvido e ter sua versão de histórias registradas em um work acadêmico faz algum sentido, ou ainda aquelas resultantes de retorno no trato das sociabilidades num cálculo não muito preciso onde capital social e simbólico (BOURDIEU, 1989) entram em jogo, até o lanche compartilhado no momento da conversa. Para alguns pesquisadores há uma expectativa de que a partir dos dados analisados novas perspectivas críticas se abram para compreensão de fenômenos ainda em disputas sobre como podem ser afirmados. Na perspectiva de pensar como pesquisas etnográficas realizadas no Brasil entre usuários de substâncias psicoativas – especialmente ilícitas – vêm trazendo resultados inovadores ao focar em três âmbitos na interação de sujeitos com as substâncias de uso, self, setting e set (ZINBERG, 1984) proponho apresentar uma revisão bibliográfica de works recentes destacados numa análise comparativa entre estes.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

